

ESCUTAR OS MORTOS COM OS OLHOS:

A proposta historiográfico-filosófica de Victor Delbos

LISTEN TO THE DEAD WITH YOUR EYES:

Victor Delbos's historiographic-philosophical proposal

ESCUCHAR A LOS MUERTOS CON LOS OJOS:

La propuesta historiográfico-filosófica de Victor Delbos

*Lucas Vinicius Corrêa Rodrigues*¹

Resumo: Este artigo revisita a proposta historiográfico-filosófica de Victor Delbos à luz do imperativo formulado por Roger Chartier de “escutar os mortos com os olhos”. Ao focalizar em textos fundamentais de 1917-18, o artigo apresenta as respostas de Delbos às questões centrais: o que se entende por filosofia? (1) o que é a história da filosofia? (2) qual é o seu método? (3). Parte-se da concepção de Delbos segundo a qual a filosofia nasce da “angústia da verdade”, como esforço de totalização do conhecimento e de resposta ao enigma do espírito humano. Para ele, a história da filosofia não é mera arqueologia, mas uma forma de ressurreição intelectual, capaz de articular as obras filosóficas como expressões parciais de uma interioridade ideal do espírito humano. Essa perspectiva culmina em sua proposta de um “animismo metafísico”, em que os sistemas filosóficos revelam não somente ideias, mas a vida interior de seus autores. O artigo mostra ainda como a concepção de história da filosofia de Delbos — centrada na reversibilidade entre filosofia e sua história.

Palavras Chave: História da Filosofia. Roger Chartier. Victor Delbos. Relações de dominação.

Abstract: This article revisits Victor Delbos' historiographical-philosophical proposal in light of Roger Chartier's imperative to “listen to the dead with our eyes”. Focusing on fundamental texts from 1917-18, the article presents Delbos' answers to the central questions: what is meant by philosophy? (1) What is the history of philosophy? (2) What is its method? (3). It starts from Delbos' conception that philosophy is born of the “anguish of truth”, as an effort to totalize knowledge and respond to the enigma of the human spirit. For him, the history of philosophy is not mere archaeology, but a form of intellectual resurrection, capable of articulating philosophical works as partial expressions of an ideal interiority of the human spirit. This perspective culminates in his proposal for a “metaphysical animism”, in which philosophical systems reveal not only ideas, but also the inner life of their authors. The article also shows how Delbos' conception of the history of philosophy is centered on the reversibility between philosophy

¹ Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, é mestrando em História da Filosofia pela USP, com ênfase em historiografia filosófica, dedicando-se ao estudo da recepção, da influência e do legado de Martial Gueroult no Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9513060756472157>

and its history.

Keywords: History of Philosophy. Roger Chartier. Victor Delbos. Relations of domination.

Resumen: Este artículo revisita la propuesta historiográfico-filosófica de Victor Delbos a la luz del imperativo formulado por Roger Chartier de “escuchar a los muertos con los ojos”. Centrándose en textos fundamentales de 1917-18, el artículo presenta las respuestas de Delbos a las preguntas centrales: ¿qué se entiende por filosofía? (1) ¿qué es la historia de la filosofía? (2) ¿cuál es su método? (3). Se parte de la concepción de Delbos según la cual la filosofía nace de la “angustia de la verdad”, como esfuerzo de totalización del conocimiento y de respuesta al enigma del espíritu humano. Para él, la historia de la filosofía no es mera arqueología, sino una forma de resurrección intelectual, capaz de articular las obras filosóficas como expresiones parciales de una interioridad ideal del espíritu humano. Esta perspectiva culmina en su propuesta de un “animismo metafísico”, en el que los sistemas filosóficos revelan no solo ideas, sino la vida interior de sus autores. El artículo muestra además cómo la concepción de la historia de la filosofía de Delbos se centra en la reversibilidad entre la filosofía y su historia.

Palabras clave: Historia de la filosofía. Roger Chartier. Victor Delbos. Relaciones de dominación.

1 INTRODUÇÃO: DELBOS E O PROBLEMA DA FUNDAMENTAÇÃO FILOSÓFICA DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA

Roger Chartier, em sua *Leçon Inaugurale* realizada no Collège de France em 11 de Outubro de 2007, expressa, por meio de um verso de Francisco Quevedo y Villegas (1580 - 1645) - “Escuchar a los muertos con los ojos” (CHARTIER, p. 7, 2008) -, a necessidade incontornável que a história deve enfrentar, qual seja, o constante retorno a autores e ideias que, à primeira vista, parecem adormecidas nos arquivos do tempo.

Seguindo essa mesma máxima, este artigo se propõe a resgatar alguns elementos do pensamento de Victor Delbos, historiador-filósofo cuja presença na tradição filosófica e historiográfica brasileira permanece periférica, mas cuja potência conceitual desperta novas leituras em outros polos acadêmicos. A presença de Delbos se mostra transversal desde o século XX, pois, durante o ápice da historiografia filosófica francesa, Delbos não passou despercebido. Émile Bréhier, em sua *História da filosofia* (Bréhier, 1928, p. 36), julga ter sido Victor Delbos, o responsável por operar uma lapidação crítica na fundamentação da história da filosofia enquanto gênero de estudo. Para Bréhier, sem descartar as contribuições anteriores, ele refinou

ESCUTAR OS MORTOS COM OS OLHOS:
A proposta historiográfico-filosófica de Victor Delbos
Lucas Vinicius Corrêa Rodrigues

o método histórico-filosófico através do rigor filológico e da atenção à singularidade das doutrinas filosóficas.

Daí que seja válido, para além de suas investigações monográficas sobre Espinosa, Kant e Malebranche, retomar o modo pelo qual Delbos ofereceu uma tese que assegura que a história da filosofia é filosófica. Com isso, se verá que a tradição francesa, frequentemente associada ao “estruturalismo” de Gueroult, é marcada por tensões metodológicas que Delbos antecipou, equilibrando exegese textual e reflexão crítica sobre objeto que compõem a filosofia e a sua história — uma dualidade que no Brasil, ao adotar seletivamente os princípios filosóficos dessa tradição, tendeu a negligenciar (Arantes, 1994). Autores contemporâneos como Leo Catana e Mogens Laerke (2020, p. 433) - *Historiographies of philosophy 1800-1950*, relegam conscientemente autores como Victor Delbos e Émile Bréhier, nomes que ofereceram somente contribuições “menores.” Daí que, este artigo, portanto, propõe explorar dois eixos centrais da contribuição de Delbos. Sendo eles:

A concepção de história da filosofia, que para Delbos (1), não é mera arqueologia de ideias, mas um exercício de “ressurreição intelectual”, em que o passado é interrogado como “fonte viva.” Em seguida exporemos o que ele entende como o método a ser realizado pelo historiador da filosofia (2). Por fim, concluiremos através desses eixos, a proposta historiográfico-filosófica de Victor Delbos.

Ao resgatar Delbos, através dessa temática, não somente visamos oferecer uma pequena expressão de uma lacuna no interior de um arco de cem anos de uma escola historiográfico-filosófica, mas também questionamos a narrativa hegemônica que reduziu a Escola Francesa a um projeto monolítico. Este artigo busca, portanto, seguindo Chartier, não somente “escutar” Delbos, mas devolvê-lo ao diálogo contemporâneo.

2 A FILOSOFIA PARA VICTOR DELBOS

Victor Delbos em *L’art et la philosophie* (1918) parte de um pressuposto fulcral, qual seja, a filosofia procede de “uma necessidade essencialmente humana de uma organização total e completa do conhecimento” (Delbos, 1918, p. 328), fruto de um impulso (*pousser*) constante que caminha sempre as últimas consequências em relação ao desejo de elucidação acerca da realidade. Esse pressuposto torna a filosofia uma espécie de expressão intelectual que se

ESCUTAR OS MORTOS COM OS OLHOS:
A proposta historiográfico-filosófica de Victor Delbos
Lucas Vinicius Corrêa Rodrigues

conserva através de uma “relação íntima e indissociável com as necessidades humanas” (Delbos, 1918, p. 328). Todavia, diferente da ciência que carrega consigo os seus resultados adquiridos, a filosofia é livre a uma expressão polimorfa dos sistemas.

O que orienta a instauração de uma filosofia, para Delbos, é uma experiência específica: uma “angústia da verdade” (Delbos, 1918, p. 329), que surge do confronto com a dificuldade própria da investigação filosófica diante de múltiplos obstáculos. Está em jogo uma verdade que excede a veracidade da vida comum, pois “mesmo quando parece às vezes cair sob nosso domínio, ultrapassa tanto a verdade cotidiana que conserva a aparência de um segredo a ser arrancado” (ibidem). Tal verdade não se oferece como um dado evidente, mas como um problema que exige do sujeito um engajamento integral de suas faculdades: “não basta simplesmente tocá-la com o dedo” (ibidem), é preciso interrogar o que no sujeito pode melhor se propor a ela — seja o “coração com seus impulsos”, a “razão com sua luz”, ou “o conjunto agindo em harmonia” (ibidem). A filosofia, então, emerge dessa inquietação e se define por essa tensão: ela é um esforço para decidir “se o espírito [...] não passa de uma claridade duvidosa e vacilante no conjunto das forças obscuras que o produziram acidentalmente, ou se ele é, ao contrário, a realidade essencial, verdadeira, superior” (ibidem). O núcleo da filosofia, segundo Delbos, está nesse movimento que não é puramente racional nem puramente afetivo, mas que exige do pensamento uma posição sobre o estatuto do próprio pensamento, isto é, de um tribunal que opere sobre si e constitua um sistema: se ele é efeito de acaso, ou se nele reside o sentido do universo. Ao colocar em questão se “é, em suma, o átomo ou o pensamento que encerra o segredo do universo” (ibidem), Delbos apresenta a filosofia como o lugar em que a angústia pela verdade se converte em forma e caminho de investigação que finda numa obra.

Dáí decorre a assimilação entre filosofia e arte, pois ambas tendem “a se elevar acima da familiaridade das coisas e da banalidade da vida” (Delbos, 1918, p. 335), embora a filosofia detenha como específico uma “sucessão de sistemas” que se perfaz não “por retoques, por reformulações, por acréscimos” (ibidem), o que torna a filosofia “sinóptica”, pois sua expressão se dá sempre numa certa síntese, ainda que parcial, de uma história. O que se expressa nas metafísicas que são para Delbos, expressões mais altas de filosofia, porque elas visavam e na opinião do autor continuam a visar um “tipo de representação total do universo e das coisas que satisfaça a todas exigências do pensamento” (Delbos, 1918, p. 336). Todavia, para cumprir sua função (dar uma representação total do universo), a metafísica — e, por extensão, a filosofia — enfrenta uma escolha fundamental e antinômica: Deve-se buscar a realidade nas representações externas dos sentidos, isto é, num tipo de “ser ou realidade que nos representa de fora” (Delbos,

1918, p. 336) (isto é, nas aparências, naquilo que a ciência capta e mede) ou naquilo que “a consciência nos revela de dentro” (ibidem). A defesa de Delbos, é aquela de uma realidade interior, pois ele sustenta que, se levarmos a sério a existência de uma realidade interior nos seres da natureza, então não podemos mais tratá-los apenas como objetos a serem conhecidos. Eles se tornam sujeitos, com vida própria, e são análogos ao espírito — ou seja, possuem um modo de existência que se aproxima da nossa interioridade.

A essa compreensão da realidade, isto é, da existência dos seres e dos homens, Delbos noemina como “animismo metafísico” (Delbos, 1918, p. 336) — não no sentido folclórico ou mítico, mas como uma compreensão filosófica que reconhece na vida uma certa interioridade ou ainda essencialidade, para além de sua função mecânica ou física, que podem ser expressas e retomadas pela filosofia, arte e pela ciência, que são “produtos da atividade” do espírito humano que detém uma “integridade” (Delbos, 1918, p. 336) ideal. Esse ideal, embora inalcançável em sua totalidade, deve guiar as ações do pensamento segundo Delbos, pois é a ligação dessa idealidade de uma unicidade da expressão do espírito que “nos torna verdadeiramente humanos” (Delbos, 1918, p. 336). Todavia, quanto a filosofia, objeto que nos interessa, orienta-se para esse animismo metafísico, e passa através da construção de um discurso explicativo sobre o exterior, a pressentir a verdade.

Através desse ponto inicial a que chega Delbos, é possível questionar-se, mas o que é um sistema? Isto é, o que ele expressa de singular enquanto manifestação dessa unidade ideal do espírito humano? A resposta a essas questões não é diretamente respondida pelo historiador francês em seu ensaio sobre a filosofia e a arte (1918), dado que ao indagar-se sobre os métodos e concepções de história da filosofia (1917), ele se viu de frente a conceituação acerca desses elementos. Dessa forma, a resolução do que Delbos compreende como que nos exigirá recorrer aos três ensaios clássicos que compõem a parte fulcral do pensamento de Delbos. O primeiro: As concepções de história da filosofia de março de 1917. Por fim, o par de textos intitulados Métodos em história da filosofia, que datam, respectivamente, de maio e julho de 1917.

3 REVERSIBILIDADE HISTÓRICA: DAS CONCEPÇÕES DE HISTÓRIA DA FILOSOFIA AO LONGO DA HISTÓRIA

Delbos introduz o problema da definição da história da filosofia ao afirmar que não basta aplicar métodos históricos gerais: é necessário considerar a especificidade do objeto

ESCUTAR OS MORTOS COM OS OLHOS:
A proposta historiográfico-filosófica de Victor Delbos
Lucas Vinicius Corrêa Rodrigues

filosófico. O que é central para Delbos é a compreensão do modo pelo qual a filosofia opera um estudo histórico. Porém, o que ocorre é que

Sem dúvida, como toda [história], ela tem por tarefa reencontrar, reconstituir e, tanto quanto possível, explicar realidades que ocorreram anteriormente; mas em que medida o caráter dessas realidades se presta a esse trabalho de reconstituição? E, de todo modo, seu caráter não seria tal que exigisse, para essa tarefa, procedimentos específicos ou atitudes especiais do espírito? (Delbos, 1917a, p. 135)

Daí que Delbos constate inicialmente que a história da filosofia não se expressa como uma “coisa” objetiva, mas como um conjunto de formas espirituais diversas e mutuamente conflitantes, dado que “a filosofia implica idealmente a dedução a priori do universo” (Maisonhaute, 2015, p. 465), a consequência é necessária, pois à historiografia filosófica, terá de lidar com a tensão entre o espírito histórico (presença dos sistemas no tempo) e o espírito filosófico (em busca da eternidade da verdade).

Após a filosofia moderna, esta passa a se constituir como um vasto e múltiplo debate sobre sua própria historicidade. Victor Delbos compõe aquilo que poderíamos chamar — com a devida licença da redundância — de uma história das concepções da história da filosofia. Seu ensaio não é meramente inventariante, mas busca articular uma crítica que é, ao mesmo tempo, negativa e afirmativa.

A filosofia, para Delbos, não existe como entidade única e objetiva: “não existe a filosofia, existem filosofias, doutrinas ou concepções filosóficas” (Delbos, 1917a, p. 136). Com essa afirmação, ele rejeita a ideia de unidade substancial do pensamento filosófico e, ao mesmo tempo, denuncia o risco de se impor sobre a diversidade das doutrinas um esquema externo que as falseie. Seu gesto implica a construção de um ideal historiográfico que deve ser sensível à lógica interna dos sistemas, às suas intenções espirituais e às suas formas de expressão. Essa sensibilidade exige, no entanto, uma crítica rigorosa aos modelos anteriores — especialmente àqueles que reduziram a história da filosofia a um acervo de erros ou extravagâncias —, ao mesmo tempo em que reconhece os esforços autênticos que, ainda que limitados, buscaram captar a racionalidade dessa história.

Dentre os autores examinados, alguns são reconhecidos por suas contribuições relevantes à constituição de uma história da filosofia mais crítica. Bayle, ainda que reduzido à intenção de demonstrar a fragilidade das doutrinas — “temos aí antes uma crítica filosófica das doutrinas transmitidas do que uma crítica histórica das maneiras como se operou sua transmissão” (Delbos, 1917a, p. 138) —, desempenha um papel na ampliação do interesse pelo

ESCUTAR OS MORTOS COM OS OLHOS:
A proposta historiográfico-filosófica de Victor Delbos
Lucas Vinicius Corrêa Rodrigues

estudo das ideias. Tiedemann se destaca pela tentativa de examinar os sistemas de forma mais objetiva, buscando critérios internos como a coerência e a novidade das proposições. Já Tennemann propõe uma concepção mais evolutiva da razão filosófica, o que Delbos valoriza como avanço decisivo: “ela [a filosofia] concebe uma evolução das doutrinas filosóficas, que lhes retira o caráter contingente de opiniões sucessivas e sem ligação” (Delbos, 1917a, p. 140). Schleiermacher, com sua atenção ao vínculo entre passado e presente, e Ritter, que recusa expressamente qualquer tratamento a priori da história da filosofia, apontam para uma abordagem mais interpretativa e menos dogmática: “Ritter combate expressamente toda forma de tratar a história da filosofia por construção a priori” (Delbos, 1917a, p. 142). Até mesmo a leitura hegeliana, apesar de suas consequências problemáticas, é reconhecida por seu esforço de conciliação entre o espírito histórico e o espírito filosófico: “toda filosofia existe, portanto, necessariamente, e nenhuma, no fundo, pereceu; todas existem positivamente na filosofia verdadeira, como momentos de um Todo” (Delbos, 1917a, p. 143).

Contudo, Delbos não hesita em apontar as limitações e os perigos de todos esses modelos. Em Bayle, predomina a intenção cética e crítica; em Stanley e Brucker, o juízo baseado em ortodoxias particulares impede a compreensão das doutrinas como respostas legítimas a problemas específicos. Mesmo em Hegel, cujo esforço de sistematização é admirável, há o risco de transformar a história da filosofia em um processo fechado e conclusivo, pois “a doutrina de Hegel parece já não deixar outras manifestações a produzir no tempo” (Delbos, 1917a, p. 144). Delbos recusa esse fechamento e, com ele, a ideia de que a sucessão das doutrinas se dá por necessidade lógica. Ao contrário, defende a consideração das contingências, das expressões individuais e das condições históricas concretas: “entram aí uma diversidade de fatores [...] tradições, renovações sociais, aspirações sentimentais.” (Delbos, 1917a, p. 145) Mesmo o modelo de Victor Cousin, que reduz o campo a quatro grandes sistemas (sensualismo, idealismo, ceticismo e misticismo), é criticado por sua imprecisão e esquematismo: “há nessa consideração muita vagueza e arbitrariedade” (Delbos, 1917a, p. 146).

Ao rejeitar tanto a lógica redutora do dogmatismo quanto a dispersão cética ou pragmática, Delbos abre caminho para um método próprio. A prática da história da filosofia, afirma ele, “sem dúvida não é coisa tão fácil, já que sua noção exata e positiva é tão lenta e difícil de se extrair” (Delbos, 1917a, p. 147). Este é o gesto inaugural de um projeto: A recusa de uma tradição. O ponto é que, ainda que em Delbos as coisas se operam pela negatividade, pode-se compreender através das posições negadas algo de positivo acerca da sua concepção de história da filosofia. A história da filosofia deve ser, portanto, pensada como uma disciplina

ultra dogmática que compreenda nas problemáticas de cada um dos sistemas a aspiração à verdade e a história enquanto processo aberto. Através desses princípios gerais, passa-se a ideia de que ao historiador da filosofia, cabe conceber os sistemas filosóficos em sua expressão e virtualidade. Todavia, para se compreender a tarefa do historiador, Delbos produzirá uma nova “lição” (Delbos, 1917a, p. 147). São essas lições que revelam a conclusão expressa por Marilena Chauí (2002) em sua apresentação à tradução do curso sobre Espinosa, curso esse que inaugurou na França um modo de estudo filosófico-historiográfico: estudo da obra enquanto um fato autônomo. A obra de filosofia, portanto, como um ente que detém sentido e existência por si.

4 ENTRE FILOLOGIA E GÊNESE: o método na história da filosofia

Após apresentar as concepções possíveis de uma história da filosofia, Delbos rejeita duas tendências inadequadas para se pensar essa disciplina. A primeira delas consiste em abstrair da história da filosofia o “espírito filosófico que engendrou as doutrinas” (Delbos, 1917b, p. 279). Contra essa abstração, Delbos propõe uma abordagem que não se reduza a uma simples cronologia de ideias, mas que preserve o vínculo com o espírito vivo que anima as doutrinas — isto é, com os problemas, inquietações e contextos que motivaram os filósofos a pensar. As doutrinas, nesse sentido, não são entidades mortas, mas expressões históricas de um pensamento em movimento. A segunda tendência criticada por Delbos diz respeito às reconstruções a priori, que interpretam a história da filosofia com base em esquemas pré-concebidos — como modelos teleológicos ou sistemas de progresso inevitável —, desrespeitando a lógica interna e o desenvolvimento próprio de cada doutrina. Tais reconstruções tendem a impor sentidos posteriores às ideias, forçando um encadeamento linear e ignorando os contextos reais em que surgiram. Em oposição a essas práticas, Delbos propõe um caminho mais rigoroso: “ver que tipo de questões exige e que tipo de método impõe o estudo exato das doutrinas. E, para isso, sigamos, tanto quanto possível, na sua ordem mais regular, as diversas investigações ou os diversos trabalhos que constituem” (Delbos, 1917b, p. 279). Com esse princípio, Delbos inaugura suas reflexões sobre o método adequado à história da filosofia, sob o sub título: Materiais para a reconstrução histórica de doutrinas, Delbos apresenta a

ESCUTAR OS MORTOS COM OS OLHOS:
A proposta historiográfico-filosófica de Victor Delbos
Lucas Vinicius Corrêa Rodrigues

constituição do próprio objeto, ou ainda, as “precauções” (Delbos, 1917b, p. 289) que o historiador deve tomar com base na condição da obra.

Em linhas gerais, são três grandes recomendações que Delbos oferecerá. Retomemo-las singularmente.

Inicialmente, Delbos destaca a importância de distinguir entre fontes diretas, como obras originais dos filósofos, e fontes indiretas, como fragmentos ou relatos de terceiros. No caso de pensadores antigos, como os pré-socráticos, a escassez de textos originais e a dependência de testemunhos fragmentários — muitas vezes filtrados por autores com viés, como Aristóteles ou Cícero — tornam a reconstrução de suas ideias particularmente complexa. Além disso, Delbos alerta para o risco de lendas e acréscimos tardios, como os relatos sobre Pitágoras feitos por neoplatônicos séculos depois, que podem distorcer o pensamento original. A crítica textual e a avaliação cuidadosa da autenticidade das obras, como nos diálogos de Platão ou de tratados atribuídos erroneamente a Malebranche, são essenciais para evitar interpretações equivocadas. Em segundo lugar, Delbos indica a necessidade de contextualizar as obras filosóficas no desenvolvimento intelectual de seus autores. Delbos argumenta que muitos filósofos, como Kant ou Schelling, passaram por evoluções significativas em seu pensamento, e ignorar essa dinâmica pode levar a leituras anacrônicas ou simplistas. Por exemplo, os escritos pré-críticos de Kant ou as diferentes fases do idealismo de Schelling revelam transformações profundas que são cruciais para entender suas obras maduras. Da mesma forma, o estilo de cada filósofo deve ser considerado: enquanto Descartes busca clareza e sistematicidade, Leibniz adapta suas ideias a diferentes interlocutores, exigindo do intérprete um esforço adicional para discernir o núcleo de seu pensamento. Em terceiro lugar, as obras póstumas ou inacabadas, como as notas de aula de Aristóteles ou os manuscritos de Espinosa, também requerem cautela, pois podem representar estágios provisórios ou incompletos de suas reflexões.

É a conclusão, todavia, que nos interessa, e não as recomendações oferecidas por Delbos, pois a conclusão revela que “qualquer trabalho de um filósofo que se pretenda utilizar pressupõe, portanto, uma espécie de investigação preliminar sobre as circunstâncias de vários tipos que determinam seu escopo e fixam sua possível contribuição ao conhecimento de tal filosofia.” (Delbos, 1917b, p. 287). Por essa razão, ao historiador da filosofia reduz-se uma abordagem que respeite a complexidade e a historicidade das ideias, combinando a reconstituição da doutrina com uma análise filológica (ou seja, da constituição da obra de filosofia) e da contextualização histórica. Esse método, segundo Delbos, não só preserva a

ESCUTAR OS MORTOS COM OS OLHOS:
A proposta historiográfico-filosófica de Victor Delbos
Lucas Vinicius Corrêa Rodrigues

integridade das fontes, mas parece indicar que o método em história da filosofia é tributário a outros métodos que atuam como condições para sua prática, de modo que há, anteriormente a prática historiográfica-filosófica, uma análise histórico-filológica que nega “um preconceito anti-histórico e antipsicológico” (Delbos, 1917b, p. 288) que imaginaria desde o início “um filósofo imóvel em seu sistema.” (Ibidem) São essas recomendações que oferecem as condições para “reconstruir” o “significado” das doutrinas (Delbos, 1917b, p. 289), e que condicionam a segunda lição acerca o método em história da filosofia, nomeada por Delbos com o subtítulo de *Análise e reconstituição das doutrinas*.

Nesse artigo, Delbos apresenta os “procedimentos principais” (Delbos, 1917c, p. 370) para compreensão e explicitação de uma obra filosófica. A indicação Delbos é aquela que “parece comum”, a saber, a necessidade de assimilação do sentido das palavras expressas por um sistema. A elementaridade do fato, é, todavia nuançada, uma vez que os filósofos tendem a constitui uma linguagem própria que mistura o uso “comum” e “técnico” das palavras. O que se complica a partir do fato de que em filosofia, não há uma plena unanimidade ou constância quanto á significação dos termos. De modo que, a variedade se calça no estilo do intelectual, em sua tradição e da sua criação teórica. O que por sua vez exige, para mera compreensão das palavras, uma reconstrução histórica a qual identifique as camadas de significação de um conceito expresso numa obra ao longo da história da filosofia, e análise conceitual que discerna a significação própria imperada pelo próprio sistema.

A segunda recomendação, e talvez a mais central, ao menos enquanto herança para historiografica francesa e depois brasileira, seja que opera a partir da tensão entre influências externas e criatividade sistemática. O argumento central é que a história da filosofia não deve se limitar a rastrear origens ou causas, mas deve revelar o processo intelectual ativo pelo qual um filósofo transforma ideias herdadas em um sistema original.

Delbos insista que a originalidade de um filósofo emerge da maneira como ele preenche “intervalos” entre conceitos herdados. Tomemos Kant: antes da *Crítica da Razão Pura*, ele oscilou entre o racionalismo wolffiano e questões sobre os limites da matemática e da física. Segundo Delbos, é na descoberta da idealidade do espaço e do tempo que Kant “combina” essas inquietações em um sistema novo (Delbos, 1917c, p. 375). O método aqui exige comparar estágios sucessivos do pensamento — tarefa nem sempre fácil, pois, como adverte Delbos, “as traças exteriores desses movimentos nem sempre nos foram conservadas” (Delbos, 1917c, p. 374).

ESCUTAR OS MORTOS COM OS OLHOS:
A proposta historiográfico-filosófica de Victor Delbos
Lucas Vinicius Corrêa Rodrigues

Embora Delbos admita que doutrinas filosóficas sejam “produtos” de contextos — o pietismo na ética kantiana, o ambiente escolástico em Descartes —, ele rejeita explicações deterministas. Para ele, o espírito filosófico “manifesta um esforço para pensar sob formas universais” (Delbos, 1917, p. 376). Ou seja: mesmo quando um filósofo absorve ideias de seu tempo (como os conceitos wolffianos em Kant), ele as reconfigura em um esquema sistemático racional próprio, sistema esse que é a própria filosofia, cuja história da filosofia, portanto, deve se ocupar.

É verdade que não há um início absoluto, pois as filosofias não operam através do nada, daí que haja três modalidades distintas de influência intelectual. A primeira seria a incorporação passiva de conceitos, na qual o filósofo absorve elementos de tradições anteriores sem submetê-los a uma crítica rigorosa — como os resíduos da escolástica presentes no cartesianismo, que Descartes muitas vezes empregou sem plena consciência de suas origens (DELBOS, 1917c, p. 378). A segunda modalidade, mais refinada, é a assimilação ativa, em que as ideias herdadas são reelaboradas e integradas a um novo sistema, como ocorre com a prova ontológica, que Descartes adaptou da tradição medieval, mas recontextualizou em sua metafísica racionalista. Por fim, Delbos destaca a influência como catalisadora de rupturas, exemplificada pela relação de Aristóteles com o platonismo: longe de simplesmente reproduzir as ideias de seu mestre, Aristóteles as confrontou de maneira tão radical que delas surgiu uma filosofia original. Essa tipologia revela que, para Delbos, o estudo das influências não deve se limitar a rastrear origens, mas sim a compreender como os filósofos transformam criticamente seu legado intelectual, ou seja, uma linguagem da história e uma linguagem própria daquele filosófico

Dai que a reconstituição de uma doutrina filosófica exija um duplo movimento metodológico: a análise genética e a síntese arquitetônica. O primeiro passo consiste em decompor o sistema filosófico em seus elementos constitutivos, identificando as fontes materiais que o alimentaram — sejam conceitos herdados, sejam problemas não resolvidos por gerações anteriores. É o caso de Spinoza, cuja *Ética* retoma noções medievais como a distinção entre *natura naturans* e *natura naturata*, mas as subverte ao inseri-las em um quadro panteísta e geométrico. Contudo, Delbos adverte que essa análise não é suficiente por si só: é preciso também reconstruir a lógica interna que organiza esses elementos em um todo coerente (Delbos, 1917c, p. 377). Essa síntese exige atenção aos estilos peculiares de cada filósofo, segundo Delbos: enquanto Descartes avança por deduções lineares, como em uma cadeia de razões, Kant trabalha de maneira fragmentária, compondo “rapsódias” de reflexões antes de encontrar o fio condutor de seu sistema. Já Leibniz opera por sínteses bruscas, condensando múltiplas

ESCUTAR OS MORTOS COM OS OLHOS:
A proposta historiográfico-filosófica de Victor Delbos
Lucas Vinicius Corrêa Rodrigues

perspectivas em conceitos densos como a mônada. Para Delbos, essa diversidade de métodos demonstra que a história da filosofia não pode se contentar com um modelo único de interpretação, mas deve adaptar uma ferramenta que corresponda à singularidade de cada pensador. O interessante, todavia, dessa formulação é a tributação das filosofias enquanto expressões metodológicas distintas, de modo que compreender um autor será compreender a sua metodologia. Não à toa de Boutroux a Victor Goldschmidt as monografias exigem a exposição do método do filósofo. O que veria ser um condicionante da leitura que esses intérpretes operam.

A singularidade dos métodos em cada sistema expressa que os sistemas são objetos do espírito, dotados de uma natureza representativa e de uma pretensão de representar o verdadeiro (Delbos, 1977c, p. 380). Por uma espécie de “simpatia entre a forma e a força do espírito que os constituiu”, abre-se a possibilidade de reconstituir um sentido encadeado, ainda que as ideias de uma “realidade interna (do sistema) não se traduzam direta e completamente nas fórmulas às quais recorrem para se comunicar”. Tal situação torna a aderência ao sistema um jogo espiritual que se realiza nas virtualidades próprias de cada sistema, fazendo da história da filosofia uma expressão de parentesco e uma forma assistencial à própria filosofia. Como prescreve o autor:

Sem dúvida, seria um erro funesto pensar que tudo já foi dito e que uma hábil restituição das doutrinas passadas basta para torná-las apropriadas às questões do presente; pois isso muitas vezes apagaria, em favor de soluções retrospectivas, o sentido próprio dessas questões. Sem dúvida, também há frequentemente interesse, para a pesquisa e para o progresso filosófico, em irrupções vindas de fora, em intervenções de espíritos livres em relação à tradição filosófica — e a ignorância pode até garantir essa liberdade. Mas, de modo geral, o espírito filosófico não se eleva por si só: ele precisa de formação. E de onde poderia ele recebê-la, senão do exemplo daqueles que, com mais força ou sutileza, com mais originalidade em seu tempo, colocaram e estudaram os problemas da mesma natureza daqueles que hoje se enfrentam? (Delbos, 1977c, p. 381)

Daí que a história da filosofia não se apresente como um cemitério (Delbos, 1977c, p. 382), mas como um pleno alargamento da própria filosofia — o que se revela, inclusive, na frase com a qual Delbos conclui em mais de um de seus artigos: *Multi pertransierunt et aucta est philosophia*. Assim, a posição de Delbos, ao conceber a doutrina como expressão intelectual, promove a história da filosofia à condição de negação de uma dependência aos fatos, tal como ocorre na história. A factualidade de um pensamento na história da filosofia reside em sua

própria expressão, isto é, na constante colaboração entre o sistema e o ato elucidativo do historiador — na comunhão entre a filosofia e a sua história, a qual torna o fazer historiográfico-filosófico, também a realização do filosofar.

5 A ESCUTA ATIVA DO PASSADO: filosofia como reconstituição espiritual

A partir de sua crítica a modelos teleológicos, céticos ou dogmáticos de história da filosofia, Victor Delbos constrói uma via própria para a prática historiográfica-filosófica. Essa via se funda na ideia de que a filosofia é uma expressão do espírito humano em sua forma mais elevada, e que suas manifestações históricas — os sistemas — são como organismos vivos, dotados de uma coerência interna e de uma pretensão de verdade que não podem ser reduzidas a seu contexto ou desdobradas em uma mera linha de sucessões. Escutar os mortos com os olhos, neste sentido, significa apreender a vida espiritual dos sistemas filosóficos a partir de sua forma escrita, textual, histórica, mas sem submetê-los a esquemas estranhos à sua constituição interna. Significa também reconhecer que o passado filosófico não é um museu de ideias mortas, mas um campo de virtualidades ainda abertas ao presente. Se é verdade que Delbos propõe, nesse sentido, um certo imanentismo ao historiador da filosofia, é também verdadeiro que esse método não o torne também um filósofo: alguém que, ao reconstruir a história dos pensamentos, engaja-se no mesmo impulso fundamental que anima os próprios sistemas que estuda.

Assim, o projeto de Delbos ao se sustentar sobre um tripéclaro: (1) a análise crítica das fontes e da formação textual dos sistemas; (2) a reconstrução das ideias em sua gênese e desenvolvimento, considerando os fatores espirituais, afetivos e históricos que nelas interferem; e (3) a síntese interpretativa que respeita o estilo e o modo de exposição próprio a cada autor, revelando como uma doutrina não é mero acúmulo de proposições, mas uma construção espiritual ativa e unitária. Desloca a história da filosofia do lugar de disciplina auxiliar ou retrospectiva para uma posição coextensiva à própria prática filosófica. Ao reconstruir um sistema, o historiador da filosofia o reanima — e, nessa reanimação, revela sua potência, seus limites e sua atualidade. É neste sentido que Delbos recusa a ideia de que as doutrinas passem ou morram. Novamente será preciso dizer, pois agora se compreende que, verdadeira “nenhuma [filosofia], no fundo, pereceu; todas existem positivamente na filosofia verdadeira, como

ESCUTAR OS MORTOS COM OS OLHOS:
A proposta historiográfico-filosófica de Victor Delbos
Lucas Vinicius Corrêa Rodrigues

momentos de um Todo” (Delbos, 1917a, p. 143). A não perecibilidade da filosofia se dá menos por um certo platonismo-historiográfico que considera as filosofias como ideias eternamente instrutivas, e mais porque a ação do historiador da filosofia assemelha-se aquela do filósofo, tal como no pensamento fichtiano (1988, p. 31), na qual o filósofo não é um cronista (*Zeitungsschreiber*) ou um legislador (*Gesetzgeber*), mas um historiógrafo da razão, isto é, um agente racional que colabora ativamente na elaboração crítica e sistemática do desenrolar da razão. É por isso que o espírito filosófico, em sua liberdade, exigirá sempre formação, exemplo e escuta (Delbos, 1977c, p. 381).

A proposta historiográfico-filosófica de Victor Delbos se distingue, portanto, por um equilíbrio raro entre rigor crítico, sensibilidade filológica e abertura ao espírito da filosofia. Ela inaugura, no interior da tradição francesa, uma linhagem que será aprofundada por autores como Martial Gueroult e Victor Goldschmidt, mas que já se delineia, em Delbos, com clareza e força próprias. Contra os modelos que encerram a história da filosofia em esquemas rígidos ou a diluem em relativismos, Delbos oferece uma alternativa que pensa os sistemas como obras vivas, como expressões do espírito em sua busca por totalidade. Essa proposta, ao mesmo tempo, teórica e metodológica, implica também uma ética da escuta (numa prática metodológica): escutar os mortos com os olhos é assumir que há, na obra filosófica do passado, uma voz ainda ativa, que não se extingue na leitura, mas renasce na reconstituição crítica e criativa. Nesse sentido, a história da filosofia deixa de ser uma simples narrativa sobre o que foi pensado e passa a ser, como queria Delbos, uma dimensão constitutiva do próprio filosofar.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Paulo Eduardo. **Departamento francês de ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (uma experiência nos anos 60)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

BRÉHIER, Émile. **Histoire de la philosophie**. Tome premier: L'Antiquité et le Moyen Âge. Paris: Librairie Félix Alcan, 1928.

CATANA, Leo; LÆRKE, Mogens. Historiographies of philosophy 1800–1950. **British Journal for the History of Philosophy**, London, v. 28, n. 3, p. 431–441, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/09608788.2019.1709153>.

ESCUTAR OS MORTOS COM OS OLHOS:
A proposta historiográfico-filosófica de Victor Delbos
Lucas Vinicius Corrêa Rodrigues

CHAUÍ, Marilena de Souza. Este livro de Victor Delbos. [Apresentação]. **O espinosismo:** curso proferido na Sorbonne em 1912-1913. São Paulo: Discurso Editorial. Acesso em: 12 maio 2025., 2002.

CHARTIER, Roger. **Escutar os mortos com os olhos**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 24, n. 69, p. 6–30, 2010.

DELBOS, Victor. Les conceptions de l’histoire de la philosophie. **Revue de Métaphysique et de Morale**, Paris, v. 24, n. 2, p. 135–147, 1917a. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40895488>. Acesso em: 12 maio 2025.

DELBOS, Victor. De la méthode en histoire de la philosophie. **Revue de Métaphysique et de Morale**, Paris, v. 24, n. 3, p. 279–289, 1917b. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40895496>. Acesso em: 12 maio 2025.

DELBOS, Victor. De la méthode en histoire de la philosophie. **Revue de Métaphysique et de Morale**, Paris, v. 24, n. 4, p. 369–382, 1917c. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40895501>. Acesso em: 12 maio 2025.

DELBOS, Victor. L’art et la philosophie. **Revue de Métaphysique et de Morale**, Paris, v. 25, n. 3, p. 325–336, 1918. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40895536>. Acesso em: 12 maio 2025.

MAISONHAUTE, Jean-Louis. Victor Delbos et la philosophie. **Revue de Métaphysique et de Morale**, Paris, n. 4, p. 463–468, 2015. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/43775575>. Acesso em: 12 maio 2025.

VIEILLARD-BARON, Jean-Louis. Delbos et Bergson, un spiritualisme nouveau. **Revue Philosophique de la France et de l’Étranger**, Paris, v. 206, n. 3, p. 373–380, 2016. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/44646752>. Acesso em: 12 maio 2025.